

Luta armada em foco

Rafael Viana da Silva

Doutorando em História pela UFRRJ

Resenha

SALES, Jean Rodrigues (org). *Guerrilha e revolução: a luta armada contra a ditadura militar no Brasil*. Rio de Janeiro: Lamparina, FAPERJ, 2015.

Palavras-chave ditadura militar, esquerdas, luta armada.

Keywords military dictatorship, left-wing, armed struggle.

Organizado por Jean Rodrigues Sales, professor do departamento de história da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), o título recém-lançado pode contribuir para a compreensão de um aspecto fundamental do período da ditadura militar brasileira. É impossível falarmos do regime militar sem nos debruçarmos sobre a influência que o imaginário político e a presença da estratégia da luta armada tiveram sobre as organizações de esquerda no Brasil e no restante da América do Sul. Segundo Sales (2015), nos anos 1970 surgem algumas reflexões sobre a luta armada vinda dos próprios militantes e por jornais alternativos. E até o final dos anos 1980, os historiadores não se sentiam confortáveis para analisar períodos próximos àquele no qual viviam, e por este motivo, as pesquisas sobre luta armada foram assumidas em meados dos anos 1980 e 1990 por cientistas sociais, jornalistas e militantes. As pesquisas acadêmicas dos anos 1990, ainda que numericamente pequenas, surgiram como importantes interlocutores do tema. Figuram neste pequeno universo o livro de Jacob Gorender⁵⁰⁵ (publicado em 1987), a tese de doutorado de Daniel Aarão Reis Filho⁵⁰⁶ (publicada como livro em 1990) e o trabalho de Marcelo Ridenti⁵⁰⁷ (publicada como livro em 1993), que dialogará com os dois trabalhos anteriores. Ainda segundo Sales (2015), nos anos 1990 há um crescimento dos estudos sobre a luta armada, fruto em grande medida do crescimento dos programas de pós-graduação em história no país, e de lá para cá, uma série de pesquisas vem se somar a um cenário cada vez mais consolidado.⁵⁰⁸

A opção pelas armas era algo que inspirava revolucionários de diversas partes do mundo, como algo que poderia criar um atalho para além do processo de acúmulo de forças ou mesmo da estratégia de disputa das burguesias nacionais, preconizada pelos partidos comunistas. Lembremos que, em 1956, Kruschew denuncia os crimes de Stálin no 20º congresso do Partido Comunista, causando uma crise interna e dissidências no interior de diversos partidos comunistas do mundo. Tal contexto apenas acelera a adesão a esta estratégia política por parte dos setores de esquerda.

O que muda o sentido da luta armada na segunda metade do século XX, sem dúvida alguma, são os processos revolucionários e de luta por libertação nacional que ocorrem em diferentes países: Revolução Chinesa (1949), guerra de guerrilhas na Argélia (1954) e Revolução Cubana (1959). Mas é a partir de Cuba que esta estratégia passa a ganhar papel de destaque na estratégia de luta da esquerda com a tese do foco guerrilheiro, que tinha como

505 GORENDER, Jacob. *Combate nas Trevas*. 5ª Edição. São Paulo: Editora Ática, 1998.

506 AARÃO REIS Filho, Daniel. *A revolução faltou ao encontro*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

507 RIDENTI, Marcelo Siqueira. *O Fantasma da Revolução Brasileira*. 2ª Ed. Revista e Ampliada. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

508 SALES, Jean “Guerrilha e revolução: um balanço dos estudos e debates sobre a luta armada contra a ditadura militar no Brasil”. *Taller (Segunda Época)*. Revista de Sociedad, Cultura y Política en América Latina Vol. 4, N° 5, pp. 87-109, 2015.

principal autor Ernesto Che Guevara, que lançara respectivamente, *Guerra de Guerrilhas* (1960) e *Guerra de Guerrilhas: um método* (1963).

Os ecos das Revoluções Cubana e Chinesa foram rapidamente amplificadas para o campo da esquerda, com consequências relevantes no contexto político dos anos 1960 e 1970. Agindo ora como inspiração às esquerdas, ora como fantasma que aterrorizava os setores conservadores, os instrumentos de luta defendidos pela chamada *esquerda armada* alimentaram a complexidade de um cenário já marcado pelo enfrentamento político entre projetos econômicos e políticos inconciliáveis.

O tema da luta armada e as discussões sobre o seu significado ainda hoje suscitam diferentes interpretações. É difícil caminhar por um terreno rodeado de armadilhas da memória e que sofre constantemente a intervenção de posicionamentos do tempo presente. O próprio termo já aciona um determinado significado no leitor que impõe um sentido que nem sempre corresponde à complexidade das discussões que ocorriam no interior dos agrupamentos da esquerda. Sobre o conjunto de ações que compreendiam a luta armada, como bem apontou Jean Rodrigues Sales, este “nem sempre consistiu em combates armados entre esquerdistas e militares”.⁵⁰⁹ Assaltos a bancos (*expropriações*) para arrecadação de recursos, *justiçamentos* de pessoas ligadas ao regime, propaganda armada contra a ditadura e sequestro de diplomatas estrangeiros fizeram parte de uma miríade de ações que compuseram o repertório de diferentes organizações.

A dificuldade em compreender tal fenômeno consegue ser contornada no presente material com a análise criteriosa dos agrupamentos de esquerda, amplamente fundamentada em documentos, entrevistas e em uma bibliografia já consagrada sobre o tema. Além disso, o livro tem outra vantagem, que é a de reunir artigos baseados em trabalhos monográficos, ou seja, frutos de dissertações de mestrado e pesquisas de doutorado, implicando num maior aprofundamento e rigor sobre os casos estudados, fugindo da vala comum de significados que o *tempo presente* poderia impor ao leitor. Uma questão que poderia ser aprofundada em futuros materiais seria a de construir uma metodologia mais unitária em relação a certos conceitos utilizados no livro, ainda que tenhamos ciência de que isto nem sempre pode ser resolvido adequadamente diante a realidade da pesquisa histórica.

Os 12 artigos que compõe esse estudo falam sobre a experiência das organizações que aderiram à luta armada; sua base social, seu *modus operandi* e seu ocaso no contexto da violenta ditadura militar brasileira. As experiências concretas das organizações de esquerda são contempladas nos textos sobre a Guerrilha do Caparaó e a Guerrilha do Araguaia. No

509 SALES, Jean Rodrigues (org). *Guerrilha e Revolução: a luta armada contra a ditadura militar no Brasil*. Rio de Janeiro: Lamparina, FAPERJ, 2015. p. 9.

trabalho de Plínio Ferreira Guimarães, “Os comunistas estão chegando!': a Guerrilha do Caparaó e o medo da população local”, podemos compreender os impasses e as dificuldades de implantação do que seria a primeira tentativa de luta armada no Brasil. O pesquisador analisa as dificuldades com as quais os militantes do Movimento Nacionalista Revolucionário (MNR) se depararam ao tentar construir um foco guerrilheiro e a consequente contraofensiva das forças repressivas, que foram bem sucedidas ao construir um poderoso sentimento anticomunista na população local, aproveitando as dificuldades de inserção do MNR. No caso do Araguaia, experiência de maior vulto da implantação de um foco guerrilheiro rural, os militantes vinculados ao Partido Comunista do Brasil (PCdoB) se estabeleceram como moradores dedicados à produção agrícola e aprofundaram os laços com a população local. O diário de Mauricio Grabois, publicado de maneira inédita em 2011, possibilitou que historiadores como Patricia Sposito Mechi em “A experiência guerrilheira do PCdoB no Araguaia”, pudessem avaliar com outros elementos a experiência de luta armada inspirada no modelo chinês de guerrilha, que inclusive, levou diversos militantes do PCdoB a realizarem cursos nesse país. Os estudos sobre as ações da Vanguarda Popular Revolucionária (VPR), do Partido Comunista Brasileiro Revolucionário (PCBR), da Ação Libertadora Nacional (ALN), da Organização Revolucionária Marxista-Política Operária/ORM-POLOP, do Movimento Revolucionário 8 de Outubro/MR-8 e da Ala Vermelha do Partido Comunista do PC do B/Ala compõem o quadro geral de reflexão sobre as experiências armadas, respectivamente com os artigos: “VPR: contra a ditadura, pela revolução” de Wilma Antunes Maciel; “O Partido Comunista Brasileiro Revolucionário no contexto da luta armada no Brasil” de Renato da Silva Della Vechia; “As mulheres da Ação Libertadora Nacional” de Maria Cláudia Badan Ribeiro; “Política Operária e Comandos de Libertação Nacional: a radicalização da esquerda em Minas Gerais no final da década de 1960” de Isabel Cristina Leite; “Os filhos rebeldes de um velho camarada: a trajetória da Dissidência Comunista da Guanabara e do Movimento Revolucionário 8 de Outubro” de Izabel Pimentel da Silva; “Da luta armada aos movimentos sociais: a trajetória do Partido Comunista do Brasil - Ala Vermelha” de Adriana Maria Ribeiro e Jean Rodrigues Sales. Um tema comum a todas as organizações que aderiram a essas experiências foi o questionamento sobre qual seria a relação do chamado “trabalho de massas” (ação nas entidades e espaços dos trabalhadores) com as ações armadas. Sobre tal debate, nem sempre as organizações tinham a mesma posição e era comum as divergências tornarem-se cisões.

Como o presente livro reforça, as organizações igualmente divergiam sobre a análise do atual estágio do capitalismo brasileiro, do papel das variadas ações armadas e do arco de alianças que deveria ser realizado para alcançar o objetivo do socialismo (assim como, se

haveria etapas até lá). Em diálogo com o presente título, parece que estas questões foram as que mais causaram acalorados debates internos.

No entanto, nem só de cisões viviam essas organizações. A unidade tática (momentânea) entre as diferentes forças de esquerda era comum, geralmente fruto da conjuntura imposta pela onda repressiva que fechava os canais democráticos e empurrava cada vez mais as organizações para a clandestinidade, limitando assim sua margem de ação. Era frequente, como percebido na análise dos artigos, militantes de certas organizações “migrarem” para outras siglas ou até mesmo grupos se fundirem (algumas vezes de modo efêmero), como a fusão da Vanguarda Popular Revolucionária/VPR com os Comandos de Libertação Nacional/COLINA, que originou a Vanguarda Armada Revolucionária-Palmarenses (VAR-PALMARES).

A orientação da VAR-PALMARES em fortalecer as lutas nas cidades – entendidas como parte de um movimento mais amplo no contexto do qual se inseriria a futura guerrilha rural – assemelhou-se à leitura da ALN, que protagonizaria ações armadas de caráter urbano, mas compreendia que estas estariam subordinadas ao terreno rural, onde, segundo a ALN, as possibilidades de vitória seriam muito mais amplas. É importante ressaltar que, no conjunto das organizações da esquerda armada, percebe-se o quanto esse tema era presente: se a luta armada deveria operar no campo ou na cidade e qual seria a relação tática entre esses dois espaços. Comumente as organizações tentaram estabelecer suas bases no campo, mas poucas conseguiram ser bem sucedidas. A ALN como demonstra o trabalho do historiador Edson Teixeira da Silva, surgiu, como muitas outras organizações desse período, de uma cisão do Partido Comunista Brasileiro (PCB) e fora uma das organizações mais críticas do modelo tradicional de partido político leninista. Outro agrupamento que surgiu como uma dissidência do PCB foi o Movimento Revolucionário 8 de Março (MR8). O MR8 consolidou-se a partir da chamada Dissidência da Guanabara que, alimentada pelos militantes estudantis, atuou principalmente no antigo estado da Guanabara.

Chamam nossa atenção as pesquisas que contribuem com perspectivas mais heterogêneas sobre o universo da esquerda e da luta armada, ajudando a reconfigurar nosso olhar histórico. Tais análises podem ser promissoras no que diz respeito a aprofundar um campo de estudos que já possui uma trajetória de pesquisa. A análise sobre a participação das mulheres realizada pelo trabalho de Maria Claudia Badan Ribeiro em “As mulheres da Ação Libertadora Nacional” debate a presença feminina nas organizações daquele período, além de sublinhar as ações, as redes de solidariedade e a atuação das mulheres, que em movimentos recentes da historiografia do tema, vem ganhando maior destaque. Acompanhando uma tendência historiográfica que não divorcia a História Social da História Política, tenta

compreender a importância dessas agentes no interior do campo revolucionário, refazendo a partir de documentos textuais e orais a trajetória política das militantes da esquerda armada.

No estudo de Fábio André Gonçalves das Chagas e Sandra Regina Barbosa da Silva Souza, somos confrontados com a presença das organizações nos estados do Rio Grande do Sul e da Bahia, deslocando o olhar histórico sobre a luta armada e as esquerdas nesse período para fora do sudeste do país, respectivamente com os trabalhos “A luta armada contra a ditadura no Rio Grande do Sul” e “‘Nós também resistimos’: a luta armada em Salvador (1969-1971)”. Tendência que também reforça a importância de “descentralizar” o olhar dos estudos da História Social nos eixos comumente pesquisados e sair das eventuais zonas de conforto.

Pode-se afirmar que a leitura deste material pode contribuir de maneira substantiva no diálogo de pesquisa e aprofundamento do tema. Para aqueles que desejam compreender os caminhos e descaminhos da esquerda e dos setores de oposição à ditadura militar no Brasil, lê-lo pode ajudar a elucidar um capítulo fundamental da história brasileira e que de maneira alguma foi esgotado.